

# A Missão Militar Francesa e a equitação no Brasil

*José Alberto Leal*

## Introdução

**H**omem e equinos mantêm entre si uma relação que remonta aos primórdios da humanidade. O emprego do cavalo — como denominaremos a partir de agora os equinos — representou um salto evolucionar. Desde as tratativas iniciais para contratação de uma missão militar na França, nota-se a atenção dada ao ensino da equitação. Este artigo tem por finalidade apresentar a influência e o legado da Missão Militar Francesa no Brasil (MMFB) sobre a equitação brasileira.

A maioria dos dicionários define equitação como arte ou exercício de andar — ou montar — a cavalo. Uma definição ligeira e incompleta. Uma definição melhor pode ser assim enunciada: equitação como arte e ciência de preparar o cavalo e conduzi-lo conforme a finalidade. É ciência por dispor de arcabouço teórico comprovado empiricamente e arte porque a obtenção dos melhores resultados depende da habilidade do cavaleiro.

## O cavalo e o homem através dos tempos

Nos primórdios da humanidade, o an-

cestral dos equinos de hoje era objeto de caça pelo homem, que, a seguir, o domesticou, mantendo-o como fonte de alimento.

No ano 2000 a.C., segundo alguns autores, ou 4000 a.C., conforme outros, passou-se a usar o cavalo como montada e para o transporte de cargas. A primeira teoria baseia-se em achados arqueológicos: uma pintura rupestre que mostra um cavalo encilhado, de 2000 a.C. e o mais antigo pedaço de arreio encontrado, de 1500 a.C. Por outro lado, avaliando a corrosão provocada pelo metal da embocadura<sup>1</sup> sobre os pré-molares dos animais, dois pesquisadores da Universidade da Califórnia encontraram corrosão significativa em ossada equina de 4000 a.C.<sup>2</sup>

Antes da invenção das embocaduras metálicas, provavelmente os animais eram domados, adestrados e conduzidos mediante uma tira de couro enrolada em torno das barras — porção da gengiva onde não existem dentes, na qual se atava uma ou duas outras tiras de couro, que faziam as vezes de rédeas. Este processo é ainda hoje muito utilizado na doma de potros.

Na Idade do Cobre (3300 a 1200 a.C.), o

---

\* Gen Bda R/1 (AMAN, Cav/74; EsAO/84; ECEME/92). Realizou o Curso de Instrutor de Equitação (EsEqEx/77) e o Curso Avançado de Equitação para Equoterapia (Associação Nacional de Equoterapia – ANDE/17). Foi Assessor de Equitação na Escuela de Equitación del Ejército Paraguayo (1987-89), como integrante da Missão Militar Brasileira de Instrução no Paraguai.

emprego de embocaduras metálicas veio facilitar, em muito, a condução e o domínio dos animais. Considerando que o freio é um artefato mais complexo, que funciona por um sistema de alavancas, pode-se inferir que as primeiras embocaduras metálicas foram bridões.

A utilização do cavalo como meio de transporte de pessoas e de carga permitiu ao homem maior mobilidade, trazendo mais rapidez e amplitude aos seus deslocamentos, permitindo ainda que deslocasse cargas com mais do dobro do peso daquelas que ele próprio suportaria. Juntando-se a técnicas já conhecidas de agricultura, pecuária e metalurgia, notadamente essa última, deram impulso decisivo à disseminação das novas descobertas, dando início a uma fase decisiva da história da civilização.<sup>3</sup>

O emprego do cavalo na guerra não será tratado, pois o tema é vasto, e sua abordagem transcenderia os limites estabelecidos pelos editores. Entretanto, deve-se salientar que as necessidades impostas pelo desenvolvimento das armas e táticas de combate promoveram modificações na doutrina equestre.

Por volta do ano 400 a.C., os primeiros fundamentos equestres foram sistematizados pelo grego Xenofonte, escritor, equitador e filósofo discípulo de Sócrates. Escreveu várias obras nos campos da filosofia, política e educação, entre elas, o livro *Da equitação*, no qual, além de outros ensinamentos, descreve os efeitos provocados no corpo do cavalo pela descontração do maxilar, muitos séculos mais tarde enunciados por Boucher.<sup>4</sup>

Gregos e romanos utilizavam o cavalo

para corridas, seja o animal montado, seja em bigas ou quadrigas, pequenos carros tracionados por dois ou quatro cavalos, respectivamente.

Até então, montava-se sem estribos, o que obrigava o cavaleiro a um esforço extra para se equilibrar na sela, assim como prejudicava a agilidade e amplitude de movimentos, além de trazer maior risco de quedas.

Não há uma data precisa sobre a invenção dos estribos. Aliás, mais que invenção, o estribo, tal como o conhecemos hoje, uma peça de metal ou couro rígido, sustentado na sela por loros de couro, parece ter sido o resultado de seguidos aperfeiçoamentos, a partir de um primeiro modelo, uma tira de couro com um laço na extremidade, onde o cavaleiro, de pés descalços, encaixava o dedão do pé. Originário do Oriente, tudo indica que os primeiros ocidentais a utilizá-lo foram os francos. O estribo deu equilíbrio e estabilidade ao cavaleiro, além de tornar a cavalgada menos cansativa, por exigir menor emprego da musculatura das coxas e permitir que, sustentando os pés, as pernas ficassem em posição mais confortável. No séc. VIII, o estribo era amplamente utilizado, e os preceitos de equitação sobre equilíbrio e fixidez do cavaleiro tiveram de ser revistos.<sup>5</sup>

Na Idade Média, o peso das armaduras exigiu cavalos mais altos e mais fortes. Estes animais tinham de voltar-se com rapidez de um lado a outro para o cavaleiro empregar melhor suas armas. Isso implicava que os animais tivessem capacidade de deslocar o peso para os posteriores, aliviando os anteriores

para as rápidas mudanças de frente. A preparação dos cavalos para essas exigências motivou o ajuste dos preceitos da equitação às novas condições. Como o cavaleiro levava em uma das mãos o escudo e na outra a lança, maça ou espada, tinha que conduzir a montada pela pressão dos joelhos, quase sem usar as rédeas.

A partir do séc. XVI, o Renascimento vivificou pensamentos, artes e também a equitação. É nessa época que surgem grandes cavaleiros, formuladores de doutrina equestre. O primeiro deles, o italiano Federico Grisone, chamado “pai da arte da equitação”, publicou, em 1550, o primeiro livro de equitação da Europa moderna, *As regras da Equitação*.<sup>6</sup>

O francês Antoine de Pluvinel, ainda muito jovem, foi mandado à Itália ter aulas de equitação com Pignatelli, discípulo de Grisone. Voltando à França, foi instrutor do jovem Luís XIII e publicou, em 1625, o livro *Instruções para o Rei no exercício de montar a cavalo*. Atribui-se a ele a criação do trabalho em um palanque e entre palanques.<sup>7</sup>

O terceiro expoente é o também francês François Robinchon de la Guérinière, autor dos livros *Escola de Cavalaria* (1736) — considerada a bíblia da equitação — e *Os elementos da Cavalaria* (1750). *Écuyer* do rei, diretor das grandes cavalaria reais em 1730, a ele é atribuída a paternidade dos exercícios “espádua adentro” e “descida de mão”, além de ter deslindado e consolidado os conceitos dos predecessores, elaborando as bases de uma nova escola, mais simples e natural.<sup>8</sup>

Nesse rol de grandes mestres, não se pode deixar de citar François Baucher, cavaleiro francês inovador, que formulou dois métodos, baseados na decomposição das ajudas. É dele uma frase emblemática em equitação: “Pedir com frequência e se contentar com pouco, recompensar muito”. Publicou quatro livros, sendo o primeiro deles, *Dicionário de Equitação*, de 1843, obra ainda referência nos dias de hoje.<sup>9</sup>

Entre os lusos, há que se destacar o trabalho de Manoel Carlos de Andrade, sargento-mor e picador da Picaria Real de Sua Majestade que, em 1790, publicou *Luz da Liberal e Nobre Arte da Cavallaria*, alentada obra de quase quinhentas páginas e 93 gravuras, divididas em dez livros, que abordam desde ensinamentos equestres a morfologia equina, passando pelo manejo dos animais. Em sua época, foi considerado o tratado mais completo e principal obra do gênero na Europa.<sup>10</sup>

Encerra o rol, o capitão italiano Federico Caprilli, que, no apagar do séc. XIX, revolucionou a forma de se transporem obstáculos a cavalo. Antes dele, saltava-se tendo o cavaleiro as pernas estiradas para a frente, sentando fundo na sela e levantando o pescoço do cavalo pela ação severa das rédeas. Caprilli afirmou que o cavalo saltaria melhor se pudesse empregar livremente seu pescoço e se, no momento do salto, o cavaleiro levantasse o assento da sela e projetasse o torso para a frente, com as pernas apoiadas em estribos mais curtos. Apesar de forte reação inicial, logo ficou comprovada a pertinência da teo-

ria de Caprilli, e é a técnica empregada até os dias de hoje.

### **Cavalos e cavaleiros no Brasil antigo**

O primeiro evento equestre realizado no país foi um Torneio de Cavalaria promovido, em abril de 1641, pelo príncipe João Maurício de Nassau, durante a ocupação holandesa, onde hoje está a cidade do Recife. Nos séc XVIII e XIX, eram comuns cavalgadas e torneios esportivos de corridas e simulações de combate, nos quais participavam fazendeiros e aristocratas.<sup>11</sup>

Com a Corte portuguesa instalada no Brasil, em 1808 o príncipe regente D. João, mais tarde D. João VI, criou o Regimento de Cavalaria de 1ª linha, unidade na qual o coronel Francisco de Paula Magessi de Carvalho ministrava práticas de saltos e transposições.<sup>12</sup> Em 1863, o capitão do Exército Luiz Jácome de Abreu Souza, discípulo de François Baucher, fundou o primeiro clube de equitação no Brasil, a Escola de Equitação de São Cristóvão, na cidade do Rio de Janeiro. Era o início da oficialização dos esportes equestres clássicos no Brasil. No ano seguinte, foi contratado pelo imperador Pedro II como instrutor da Família Imperial e para organizar uma coudelaria, com vista a melhoramento na raça equina.<sup>13</sup>

Advinda a República, o presidente Hermes da Fonseca determinou que jovens oficiais fossem mandados à Alemanha, realizar diversos cursos no exército daquele país. Entre os quatro tenentes que fizeram o curso de

equitação na Escola de Equitação de Hannover, estava Euclides de Oliveira Figueiredo, pai do futuro presidente do Brasil, general João Batista de Oliveira Figueiredo. No retorno desses oficiais, estabeleceu-se salutar disputa entre os oficiais do 1º Regimento de Cavalaria, onde era supervisor da equitação o tenente Lima Mendes, que cursara em Hannover e defendia a escola alemã e o 13º Regimento de Cavalaria, cujo supervisor era o capitão Armando Batista Jorge, discípulo de Jácome, seguidor de Baucher. Os oficiais desses regimentos disputavam provas de salto e adestramento, para ver quem conquistava melhores classificações para sua unidade.

### **A Missão Militar Francesa e a equitação**

A preocupação dos exércitos brasileiro e francês com a equitação e com a saúde equina se revela já no artigo I do contrato firmado entre os representantes do governo do Brasil e o ministro da Guerra da França, em 9 set. 1919, para o envio de uma Missão Militar Francesa (MMFB) ao Brasil. Na relação de cargos da Missão, está a designação para a “École de Perfectionnement des Officiers de tout armes” — a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais — de um oficial de Cavalaria *écuyer* — equitador —, um veterinário militar para diretor da Escola de Veterinária, um segundo veterinário adjunto e um mestre-ferrador.<sup>14</sup> Isto se entende quando verificamos que, não obstante o aumento do poder de fogo e da motorização de alguns meios, os exércitos da época moviam-se em dorso de cavalo.

A aceitação da Missão Militar Francesa

não foi pacífica. Houve resistência até nos escalões mais altos, por preferirem outro país, por desconfiança, por julgá-la cara, até por medo do novo. A ação firme dos ministros da Guerra e dos chefes do Estado-Maior do Exército coibiram manifestações e, aos poucos, os problemas foram sendo solucionados e os resultados apresentados superaram as restrições porventura existentes.

O ministro da Guerra Pandiá Calógeras, em Portaria de 1922, determinou a criação do Centro de Formação de Oficiais Instrutores de Equitação, com objetivo de formar oficiais que recebessem conhecimento estruturado em equitação e os transmitissem aos integrantes das escolas e corpos de tropa, com vista à padronização de conhecimentos, que se encontravam fragmentados pelo entrecchoque das doutrinas francesa e alemã. Esse Centro foi colocado sob a direção do comandante Gippon, tendo como instrutor o comandante De Paul, ambos oficiais da MMFB;<sup>15</sup> o curso teria a duração de cinco meses, de 15 de maio a 15 de setembro de 1922, e funcionaria, provisoriamente, no quartel do 1º Grupo de Artilharia Pesada, em São Cristóvão. Foram abertas 12 vagas, sendo dada preferência aos que já conheciam os métodos de equitação da MMFB. Os ensinamentos deveriam compreender, além de equitação, noções indispensáveis de hipologia, arreamento e ferragem, devendo os oficiais selecionados apresentar-se no Curso com duas montadas, sendo uma especial para a equitação exterior.<sup>16</sup>

Entretanto, o andamento do curso foi conturbado. Naquele ano, seria comemorado o Centenário da Independência e se realizaria um Concurso Hípico Internacional. Foi

decidido que os alunos do Curso participariam da competição e, para terem montadas à altura do evento, foram importados cavalos já prontos da França, Itália e Argentina. A preparação dos cavaleiros impediu o funcionamento normal do curso e não deve ter sido adequada, já que os resultados obtidos no concurso foram ruins.<sup>17</sup>

Interessante registrar que, em Aviso nº 400, de 10 jun. 1921, o ministro da Guerra determina providências para a formação da equipe que disputaria o Concurso Internacional. Foram criados dois grupos de equitação, a funcionar um em São Cristóvão, sob direção do capitão De Marueil, e outro na Vila Militar, dirigido pelo capitão De Paul, ambos sob a direção-geral do comandante De Dalmassy. Os grupos seriam formados por oficiais voluntários, que trariam suas montadas e, mais tarde, receberiam animais a serem adquiridos no exterior.<sup>18</sup> O capitão De Marueil era, na França, instrutor de equitação das escolas de estado-maior e de aperfeiçoamento, e o comandante De Dalmassy, ainda que fosse instrutor de tática na escola de estado-maior francesa, participara em provas de corrida e salto, tendo vencido a Taça Rei da Itália, em Turim.<sup>19</sup>

Em 1923, pelo Aviso nº 80, de 7 de fevereiro de 1923, foi suspenso o funcionamento de todos os centros de instrução, para não agravar as dificuldades provocadas nos corpos de tropa pela falta de oficiais subalternos.<sup>20</sup>

Os maus resultados da equipe brasileira no Concurso Hípico Internacional levaram o então ministro da Guerra, general Setembrino de Carvalho, assessorado pelo major Euclydes de Oliveira Figueiredo, já citado neste artigo, a criar, pelo Aviso nº 464, de 17 Ago

23, o Núcleo de Adestramento de Equitação, tendo como sede a Escola de Estado-Maior no Andaraí, hoje quartel do 1º BPE.<sup>21</sup>

Para a função de instrutor-chefe, foi designado o capitão Jules Leon Armand Gloria, da MMFB, ex-integrante do “Cadre Noir”, seleto grupo de instrutores da Escola Nacional de Equitação de Saumur, na França. Os cavalos importados para o concurso internacional, anteriormente reunidos na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, foram colocados à disposição do curso. Após a seleção de dez oficiais e dez sargentos para alunos, a aula inaugural foi proferida pelo chefe do Estado-Maior do Exército em dezembro de 1923.<sup>22</sup>

Em 1924, mudou a denominação para Centro de Instrução de Adestramento e formou sua primeira turma de instrutores: Maj Art Cyro Vidal, Cap Cav Renato Piquet, Cap Cav Evaristo Marques da Silva, Cap Cav Oswaldo Rocha, 1º Ten Cav Deodoro Sarmiento, 1º Ten Art Renato Bittencourt, 1º Ten Cav Raul Sedl e 1º Ten Cav Oromar Osório. Desses, foram selecionados para permanecer como instrutores, auxiliando o Cap Gloria, o Cap Oswaldo Rocha e o 1º Ten Oromar Osório.<sup>23</sup>

Em 1925, são publicadas as Instruções para a Escola Provisória de Cavalaria (E.P.C.), estabelecendo, entre outras prescrições, que: o comandante seria um oficial brasileiro e o diretor de estudos, um oficial da MMFB; funcionaria, provisoriamente, ao lado da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, na Vila Militar; teria um oficial instrutor de Equitação, com a observação que seria um oficial da MMFB, enquanto vigesse o contrato; o Centro de Equitação desapareceria como organi-

zação autônoma e seria incorporado à E.P.C., continuando com os mesmos objetivos e manteria, provisoriamente, sua sede atual, na Escola de Estado-Maior.<sup>24</sup>

O desejo do ministro da Guerra de criar uma Escola de Cavalaria, mantendo agregada a ela o Centro de Equitação era antigo. Isso se depreende do ofício do chefe de Estado-Maior do Exército àquela autoridade, propondo a criação da E.P.C., comentando que o oficial da MMFB que seria o diretor de Estudos já havia sido disponibilizado e que o picador francês (Cap Gloria) havia conduzido, com êxito, cursos para oficiais e sargentos. Comenta também a intenção de difundir no Exército uma única doutrina de Equitação.<sup>25</sup>

O impacto dessas mudanças pode ser avaliado no relatório de final de ano de 1925, remetido pelo diretor de Estudos da E.P.C. ao chefe da MMFB.

Sobre o curso de futuros instrutores de equitação (oficiais):

Sem estarem ainda completamente prontos, esses oficiais estão bem orientados para suas futuras funções. Fora das horas destinadas à sua própria instrução, colaboravam com os oficiais brasileiros encarregados da equitação. Alguns deles poderão, após a abertura dos cursos em 1926, ser encarregados de ministrar instrução de equitação para sargentos ou para oficiais de arma não-montada.

Sobre o curso de futuros submestres de equitação (sargentos):

Todos estes sargentos continuaram a receber aperfeiçoamento da instrução técnica, sendo empregados em 1925 em

atividades administrativas da E.P.C. Sucessivamente, dois deles eram encarregados das baias e do material de instrução equestre na Vila Militar, onde prestaram os melhores serviços graças à preparação especial que tinham recebido. Podemos esperar, caso permaneçam na E.P.C., um precioso auxílio nos serviços gerais e, particularmente, no adestramento e preparação dos cavalos novos.

A presença do Cap Gloria na chefia do Centro de Instrução de Adestramento e do Cap Frederich Sttmuller, membro da Missão Francesa junto à então Força Pública do Estado de São Paulo e instrutor de equitação do Regimento de Cavalaria daquela Força, estabeleceu um saudável espírito de disputa. Em outubro de 1925, teve ocasião a primeira competição hípica entre o Rio de Janeiro e São Paulo, na qual os oficiais-alunos do Centro obtiveram merecido destaque, pelo nível de equitação apresentado.

O então 1º Ten Armando de Moraes Âncora foi um dos concludentes do curso e, depois, instrutor e comandante do Centro. Muitos anos mais tarde, como general de Exército, comandaria o I Exército na eclosão do Movimento Democrático de 31 de março de 1964.

Sobre seu desempenho, o Cap Gloria escreveu:

O Tenente Ancora é um Oficial methodico, inteligente, tendo autoridade e personalidade, trabalhador, cumpridor de seus deveres, prometendo ser um bom instructor. Tem gosto pela Equitação tendo, entretanto, de mais se aperfeiçoar na sua posição e desenvolver o tacto equestre. Tem progredido bastante.

É um cavaleiro muito arrojado, calmo, gostando do obstáculo. Tem um bom cabedal de conhecimento equestre e de hypologia. Este Oficial parece poder e ser muito bem sucedido.

(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

Em 1926, a E.P.C. e o Centro de Instrução de Equitação continuaram em seus quartelamentos provisórios. Foram matriculados 18 oficiais e 13 sargentos, sendo que apenas 11 oficiais terminaram o curso.

Em 1927, novas Instruções para a E.P.C. produzem sensíveis mudanças: a E.P.C. passaria a ocupar o quartel do 15º Regimento de Cavalaria Independente, na Vila Militar (hoje quartel do Regimento Andrade Neves); o comandante e o fiscal administrativo do 15º R.C.I. seriam também, respectivamente, comandante e fiscal administrativo da E.P.C. Em consequência, em 16 de março, o tenente-coronel Almério Moura assumiu ambos os comandos; o Centro de Equitação, já incorporado à E.P.C., passaria a funcionar na Vila Militar, no mesmo quartel da E.P.C. (estava na Escola de Estado-Maior, no Andaraí); os oficiais que faziam parte do Centro seriam designados para ministrar instrução de equitação nas diferentes escolas militares existentes na Capital Federal.<sup>26</sup>

O relatório de final de ano, redigido com franqueza pelo Ten Cel Almério Moura, informa as consequências dessas mudanças no tocante ao Curso de Equitação: foram matriculados 13 oficiais e 7 sargentos, todos concludentes com sucesso; informa que os sargentos integrantes do Centro



ficaram em situação indefinida, com as novas Instruções, e ressalta a necessidade da manutenção do curso em razão de seus objetivos, declarando:

A conservação dessa secção ou curso é de uma necessidade indiscutível. Ninguém pode negar o grande progresso que neste particular, também, adveio para o Exército [...] Implantou-se uma doutrina, onde antes havia muitas...

(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

Atesta que o Cap Gloria fez um bom trabalho, tendo os alunos se destacado em competições hípicas, ainda que concorrendo com animais inferiores aos demais, fazendo-se notar pela qualidade da posição a cavalo e pelo correto emprego das rédeas. Prossegue assinalando que a saída do capitão Gloria — que se deu com o curso em andamento — foi muito sensível, ainda que tenha sido substituído, em termos, pelo tenente-coronel Doudeil e major Colin (oficiais da MMFB instrutores da E.P.C.).

Ainda no ano de 1927, é interessante conhecer o conceito atribuído ao então 1º Ten Oromar Osório, instrutor do Centro. Este militar, muitos anos mais tarde, teria uma participação importante no Movimento Democrático de 31 de março de 1964:

Excellent cavalleiro, muito elegante, muito bem dotado, bom executante no picadeiro como no exterior, calmo e correcto, perfeitamente bem collocado no quadro de officiaes de equitação. Modesto, de um caracter muito militar, consciencioso e aplicado, este official satisfaz inteiramente. Dirigiu em 1927, a

turma de officiaes alumnos da E.P.C. A falta de cavalos durante a maior parte do anno e a presença na turma de Capitaes bastante edosos e antigos não lhe permitiram obter os resultados desejáveis.

(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

Há várias evidências de que o capitão Gloria, além da transmissão de conhecimentos e direção do treinamento equestre, empenhou-se em dar destaque ao Centro, seus alunos e aos instrutores de equitação. Graças à sua intervenção, foi determinado que os concludentes do curso tivessem o privilégio de usar as esporas douradas e o pingalim preto com três castões dourados, tal qual seus congêneres da Escola Nacional de Equitação de Saumur, além de serem autorizados a usar a *fourragère* branca — espécie de alamar de uma só volta. Também uma carta, escrita pelo 1º Ten Joaquim Dutra e datada de dezembro de 1923, na qual o oficial brasileiro pede a intervenção do capitão Gloria para solucionar problema de estar, simultaneamente, matriculado no Curso de Instrutor de Equitação e na Escola de Estado-Maior, mostra que o oficial francês gozava da confiança dos alunos. Por último, no relatório de final de ano de 1923, o general Quirin, subchefe da MMFB, reitera as solicitações de Gloria de mais animais para a instrução do Centro e, em caráter provisório, a cessão de não menos de vinte animais, dez dos quais em condições de realizar trabalhos de picadeiro e de correr o *cross-crountry*.<sup>27</sup>

Em 1928, apresentou-se para substituir o capitão Gloria, o major Charles Ro-



bert Baptistelli, como o primeiro, do Cadre Noir de Saumur. Houve troca de comando do 15º R.C.I. e E.P.C., assumindo, em 17 set., o tenente-coronel Álvaro Carvalho. Em dezembro, a equipe da E.P.C., constituída pelos tenentes Keller, montando o cavalo Jéca, Amaury, com o cavalo Neil, Enock, com o cavalo Raya(?) e Cramer com o cavalo Réco, sagrou-se vencedora, sem faltas, do concurso da Taça Forte de Vigia.<sup>28</sup>

No relatório anual, após dar ciência que, em virtude da falta de recursos para confecção do almoço, a instrução no ano só se ministrou na parte da manhã, com os consequentes prejuízos, informa que os trabalhos da seção de equitação não tiveram o aproveitamento esperado, por motivos diversos, deficiência a ser corrigida no ano seguinte.

É importante transcrever o apontamento feito nesse relatório quanto ao relacionamento instrutores-alunos. O novo comandante registra:

Uma coisa tenho a satisfação de afirmar a V. Excia, é que existiu sempre, entre instrutores e alumnos, a maior cordialidade em todo decurso do anno escolar. Nenhuma reclamação chegou ao meu conhecimento. É que os officiaes franceses que dirigem ou ministram a instrução nesta Escola possuem, a par da competência profissional, fina educação e muito tacto. Fizeram discípulos e fizeram amigos.<sup>29</sup>

(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

Em 1929, a E.P.C. passa denominar-se Escola de Cavalaria, e o ano letivo teria início em 1º de abril, estendendo-se

até os últimos dias do mês de dezembro. Em maio, assume o comando da Escola de Cavalaria (E.C.) e do 15º R.C.I. o tenente-coronel Eurico Gaspar Dutra, futuro presidente da República. Neste ano, não funcionaram os cursos de equitação para oficiais e sargentos.<sup>30</sup>

O major Baptistelli dedicou-se a expandir a prática equestre também para o mundo civil. Estimulou a criação do Club de Equitação da Praia Vermelha, que, mais tarde, uniu-se ao Club Sportivo de Equitação para criação da Sociedade Hípica Brasileira. Excelente cavaleiro de salto, destacou-se também no adestramento, levando seu cavalo Lambari a realizar as difíceis figuras de mudanças de pé ao tempo, *passage e piaffer*.

A Revolução de 1930 interrompeu os trabalhos da E.C., sendo os cursos encerrados prematuramente e assumindo o comando da Escola o capitão Achyles L. de Moraes Coutinho. É interessante constatar que, a partir desta ocasião, o Livro Histórico da Unidade não se refere mais ao duplo comando, citando apenas o comando da Escola.

O coronel Almério Moura, primeiro comandante da E.P.C., assume em 1931 o comando da E.C., sendo realizada, em 15 de abril, a aula inaugural. Permanece pouco tempo na função, deixando-a em 12 de maio, por ter sido promovido a general de brigada.

Em 28 de maio, assume outro nome legendário do Exército Brasileiro, o então tenente-coronel Valentim Benício da Silva. À frente de uma comissão nomeada

pelo ministro do Exército, integrada pelo Maj Baptistelli e outros seis instrutores de equitação brasileiros, que elaborou a proposta para *Regulamento dos Campeonatos de Cavalos d'Armas e Programa de Provas Hípicas*, propondo ainda a construção de pistas de *cross-country*, de salto e melhoria das instalações equestres.<sup>31</sup> Com isto, logrou organizar e promover a Semana Hípica do Exército, com vista a que fosse um ponto de inflexão na trajetória do hipismo brasileiro.<sup>32</sup>

O 15º R.C.I. é extinto, e criado o Regimento Escola (R.E.), destinado exclusivamente aos trabalhos de instrução da E.C., ficando sob o comando do comandante desse estabelecimento de ensino. A eclosão da Revolução de 1932 provoca a suspensão das aulas, sendo o R.E. empregado para ocupar o quartel do 1º R.G.D. Durante o período da revolução, várias forças policiais acantonaram na E.C. Cessadas as hostilidades, o ministro da Guerra determinou a retomada das aulas, com início a 5 de novembro, entretanto, só foram retomadas a 16. Por determinação ministerial, o final dos cursos da Escola foi antecipado.<sup>33</sup>

O espírito empreendedor e o empenho para o desenvolvimento do hipismo nacional do coronel Valentim Benício marcaram o ano de 1933. Em fevereiro, foram publicadas as instruções reguladoras para os cursos C – equitação para oficiais e CI – equitação para sargentos. Em 30 de abril, oficiais da E.C. conquistaram 1º, 2º e 3º lugares no concurso hípico promovido pelo Centro Hípico Brasileiro. Em outubro, foi organizada a equipe de polo do Regimento Escola, e realizou-se um “Percurso de Esta-

feta” para sargentos. Em dezembro, é aprovado o distintivo para os concludentes do Curso Especial de Equitação para oficiais e sargentos, que havia sido proposto pelo coronel Valentim Benício. É iniciada a elaboração de uma revista “Cavalaria” que seria publicada no ano seguinte.

No final do mês de dezembro, o civil José Alves de Souza fez a entrega do Troféu Baptistelli

e mais 5 apolices federais e 250\$, destinados a um concurso hippico que se realizará anualmente, de acordo com as clausulas transcriptas na escriptura cuja certidão acompanhou o mesmo tropheo,

(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

tal como registra o Livro Histórico da E.C. Não se pode constatar se seria doação do major francês, mas tudo indica que sim. Este troféu é disputado até hoje pelos alunos da Escola de Equitação do Exército, numa prova de salto tipo Grande Prêmio.

Com o término da missão do major Baptistelli, encerrou-se o contato direto entre a MMFB e o Centro Especial de Equitação. O instrutor-chefe passou a ser o capitão brasileiro Manoel Garcia de Souza, sendo instrutores os capitães Armando de Moraes Âncora, Osvaldo Borba e Oromar Osório, formados instrutores de equitação sob a direção direta de Gloria e Baptistelli. Aqueles oficiais seguiram difundindo o legado da escola de equitação francesa, consolidado em séculos de prática e convivência com o cavalo. Em 1938, dada a proximidade da II Guerra Mundial, o ministro da Guerra de-

terminou o encerramento do curso, que só foi retomado em 1946.

### Considerações finais

São incontestáveis os benefícios, melhoramentos e aperfeiçoamentos resultantes da ação da MMFB no Exército Brasileiro. Praticamente em todas as áreas da Força Terrestre, essa influência se fez sentir, como bem pode inferir o prezado leitor pelos demais artigos desta Revista.

Com a equitação não foi diferente e pode-se afirmar que essa influência foi das mais profundas e duradouras, permanecendo até os dias de hoje, e se antevê que perdurará por muito tempo. Como principais consequências, podem-se destacar:

- a unificação da doutrina equestre do Exército e, por extensão, do país;
- estabelecimento de sólida base doutrinária, composta por conhecimentos teóricos e práticos, que possibilitou

o desenvolvimento de uma doutrina equestre brasileira, fundamentada na doutrina francesa;

- o aprimoramento na formação dos instrutores e monitores de equitação do Exército Brasileiro;
- a manutenção dos centros de instrução de equitação, embriões da Escola de Equitação do Exército;
- o notável estímulo dado à prática dos esportes equestres;
- as importantes melhorias no desempenho dos cavaleiros nacionais;
- o incentivo à criação e preparação de cavalos de hipismo;
- o estímulo à fundação e ao desenvolvimento de clubes hípicas;
- a ampliação da convivência entre militares e civis; e
- o Exército tornou-se, por longo tempo, centro irradiador da cultura e doutrina equestres. **REB**

<sup>1</sup> Embocadura ou bocado é a denominação dada à peça colocada na boca dos equinos para facilitar sua condução. Pode ser freio ou bridão, o primeiro mais efetivo e o segundo de ação mais suave.

<sup>2</sup> DIEGUEZ F.; AFINI M. *Quando o homem aprendeu a montar*. 1991. Disponível em: <www.super.abril.com.br/historia/quando-o-homem-aprendeu-a-montar/>. Acesso em 24 out. 2018.

<sup>3</sup> DIEGUEZ F.; AFINI M. *Quando o homem aprendeu a montar*. 1991. Disponível em: <www.super.abril.com.br/historia/quando-o-homem-aprendeu-a-montar/>. Acesso em 24 out. 2018.

<sup>4</sup> HORSEMANSHIP. Xenofonte.?. Disponível em <://horsemanship.tripod.com/xf.htm>. Acesso em 25 out. 2018.

<sup>5</sup> EQUISPORT. *Quem inventou os estribos*. 2014. Disponível em <www.equisport.pt/noticias/quem-inventou-os-estribos/>. Acesso em 25 Out 2018.

<sup>6</sup> ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. *Federico Grisone*. ?. Disponível em <www.britannica.com/biography/Federico-Grisone>. Acesso em 26 out.2018.

<sup>7</sup> THE HORSE ξ ITS HERITAGE. Antoine de Pluvinel. ?. Disponível em <www.cheval.culture.fr/en/page/antoine\_de\_pluvinel>. Acesso em 26 out. 2018.

<sup>8</sup> EQUITAÇÃO CLÁSSICA – MODERNOS CLÁSSICOS. *La Guérinière*. 2007. Disponível em <www.equitacao-classica.blogspot.com/2007/02/la-guriniere-nasceu-em-maio-de-1688-em.html>. Acesso em 26 out. 2018.

<sup>9</sup> EQUITAÇÃO CLÁSSICA – MODERNOS CLÁSSICOS. *François BAUCHER*. ?. Disponível em <www.equitacao-classica.blogspot.com/p/francois-baucher.html>. Acesso em 26 out. 2018.

- <sup>10</sup> IN-LIBRIS. *Luz da Liberal e Nobre Arte da Cavallaria*. ? . Disponível em: <www.in-libris.com/products/luz-da-liberal-e-nobre-arte-da-cavalaria?variant=6013834437>. Acesso em 26 out. 2018.
- <sup>11</sup> CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HIPISMO. *O Hipismo no Brasil e a CBH*. ? . Disponível em: <www.cbh.org.br/index.php/historico.html>. Acesso em 26 out. 2018.
- <sup>12</sup> GOMES, Leonardo Martins. **A história da Escola de Equitação do Exército**. 2011. 42 f. TCC - Escola de Equitação do Exército, Rio de Janeiro, RJ, 2011.
- <sup>13</sup> Idem Ib.
- <sup>14</sup> ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO. *Contrat entre le Gouvernement de la Republique Federale des Etats-Unis du Bresil & le Gouvernement de la Republique Francaise* (cópia).1919. 14f. Paris, 1919.
- <sup>15</sup> No contrato da MMFB, estava estabelecido que os oficiais franceses, durante sua missão, seriam considerados com um posto acima do que tinham no exército francês. Portanto Gippon e De Paul seriam capitães, com honras e privilégios de major, a quem se denominava comandante.
- <sup>16</sup> ESCOLA DE EQUITAÇÃO DO EXÉRCITO. *Histórico*. 27f. Documento em PDF. Rio de Janeiro, RJ. [2012 a 2015].
- <sup>17</sup> Idem Ib.
- <sup>18</sup> Idem Ib.
- <sup>19</sup> ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO. *Currículos resumidos dos oficiais integrantes da Missão Militar Francesa*. [1920?]. 14f. Paris, [1920?].
- <sup>20</sup> ESCOLA DE EQUITAÇÃO DO EXÉRCITO. *Histórico*. 27f. Documento em PDF. Rio de Janeiro, RJ. [2012 a 2015].
- <sup>21</sup> ESCOLA DE EQUITAÇÃO DO EXÉRCITO. *Histórico*. 27f. Documento em PDF. Rio de Janeiro, RJ. [2012 a 2015].
- <sup>22</sup> ESCOLA DE EQUITAÇÃO DO EXÉRCITO. *Histórico*. 27f. Documento em PDF. Rio de Janeiro, RJ. [2012 a 2015].
- <sup>23</sup> GOMES, Leonardo Martins. **A história da Escola de Equitação do Exército**. 2011. 42 f. TCC – Escola de Equitação do Exército, Rio de Janeiro, RJ, 2011.
- <sup>24</sup> ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO. *Boletim do Exército nº227*. 1.925. Rio de Janeiro, RJ. Imprensa Militar, 1925.
- <sup>25</sup> ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO. *Of 46, de jan. 1925, do Ch EME ao Min Guerra*. Rio de Janeiro, RJ. 1925.
- <sup>26</sup> ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO. *Livro Histórico da Escola de Cavalaria 1920 a 1936*. Rio de Janeiro, RJ. 1927.
- <sup>27</sup> ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO. *Repports de l'anné 1923*. 14f. Rio de Janeiro, RJ,1923.
- <sup>28</sup> ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO. *Livro Histórico da Escola de Cavalaria 1920 a 1936*. Rio de Janeiro, RJ. 1928.
- <sup>29</sup> ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO. *Relatório da E.P.C. 1928*. Rio de Janeiro, RJ. 1.928
- <sup>30</sup> ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO. *Livro Histórico da Escola de Cavalaria 1920 a 1936*. Rio de Janeiro, RJ. 1929.
- <sup>31</sup> ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO. *Ofício da Comissão ao Min Guerra 10 jul.31*. 1931. Rio de Janeiro, RJ. 1.931
- <sup>32</sup> ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO. *Livro Histórico da Escola de Cavalaria 1920 a 1936*. Rio de Janeiro, RJ. 1932.
- <sup>33</sup> ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO. *Livro Histórico da Escola de Cavalaria 1920 a 1936*. Rio de Janeiro, RJ. 1933.

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.